

**Maria Gabriella Marchiori Roque**

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*

(Vitória da Conquista, Bahia, Brasil)

gabiiimarchiori@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6177-526X>

**Almiralva Ferraz Gomes**

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*

(Vitória da Conquista, Bahia, Brasil)

almiralva@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5440-2115>

**Adller Moreira Chaves**

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*

(Vitória da Conquista, Bahia, Brasil)

adller.chaves@uesb.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2612-6192>

**Marisa Oliveira Santos**

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*

(Vitória da Conquista, Bahia, Brasil)

momarisa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6413-142X>

Para além de uma Vocação: Sentido do Trabalho para os Professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo

Beyond a Vocation: Meaning of Work for the Teachers of the Municipal School Unit Belo Campo

RESUMO

Em detrimento dos desafios que permeia a Educação enquanto prática social este artigo buscou entender o sentido do trabalho docente a partir da perspectiva de professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo, na Região do Sudoeste da Bahia. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como empírica e é do tipo descritivo-exploratório. Em relação a técnica, optou-se pelo estudo de caso. A população escolhida foi a de professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo. Adotando uma amostragem probabilística, foram investigados 37 professores através de questionário e, adotando o critério de acessibilidade, realizaram-se entrevistas com oito professores da unidade. Os resultados revelaram um sentimento de desvalorização desencadeado, principalmente, pelos baixos salários e pela falta de reconhecimento por parte dos alunos e do poder público, além do cansaço ocasionado pela sobrecarga de trabalho. No entanto, os professores estão satisfeitos com o trabalho, sentem orgulho pelo que fazem, especialmente quando percebem o crescimento discente, e consideram o ambiente de trabalho agradável e prazeroso para se trabalhar.

**Palavras-Chave:** prazer; sofrimento; trabalho docente; sentido do trabalho.

ABSTRACT

In detriment of the challenges that permeate Education as a social practice, this article intent to understand the meaning of teaching work from the perspective of teachers at the Municipal School Unit Conveniada Belo Campo, in the Southwest Region of Bahia. As for methodological procedures, the research is characterized as empirical and is descriptive-exploratory. Regarding the technique, we opted for the case study. The population chosen was that of teachers of the Municipal School Unit Conveniada Belo Campo. Adopting a probabilistic sampling, 37 teachers were investigated through a questionnaire and, adopting the accessibility criterion, interviews were conducted with eight teachers of the unit. The results revealed a feeling of devaluation triggered mainly by low salaries and the lack of recognition by students and the public authorities, in addition to the fatigue caused by work overload. However, teachers are satisfied with the work, are proud of what they do, especially when they perceive student growth, and consider the work environment pleasant and enjoyable to work with.

**Keywords:** pleasure; suffering; teaching work; sense of work.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras

29.075-910, Vitória-ES

gestaoeconexoes@gmail.com

gestaoeconexoes@ccje.ufes.br

<http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm>

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em

Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

Recebido em: 12/08/2021

Aceito em: 20/01/2022

Publicado em: 02/05/2022

## Introdução

O trabalho qualifica a vida humana em todos os seus estágios, podendo ser compreendido como uma prática social e historicamente determinado. Dentre os muitos conceitos e atributos que o constitui, é em Marx (2013) que se toma para o presente estudo sua compreensão, assim definido como um processo entre homem e natureza, inicialmente marcado por um elo direto, mas imerso na sociedade capitalista, que se configura entre contradições por meio da relação homem e natureza e homens com outros homens na produção da materialidade da vida.

Assim posto, é possível dizer que o ser humano experimenta sentimentos contraditórios em relação ao trabalho. Ao mesmo tempo em que o compreende o trabalho como um esforço repetitivo, desgastante e necessário para sua sobrevivência, algumas vezes, nota-se uma relação prazerosa com o trabalho. Nessa perspectiva, o trabalho pode ser fonte de prazer ou sofrimento, dependendo da relação que o trabalhador exerce com as atividades realizadas (Mateus & Honório, 2018).

Esse dualismo é constante na realidade do trabalho docente. Preparar uma pessoa para viver em sociedade não é uma tarefa fácil, inclusive, porque ensinar é uma das tarefas mais dignas desempenhadas pelo ser humano. Talvez não exista outra profissão que marque tanto a vida das pessoas quanto a do professor. O docente cumpre um papel indispensável, na sociedade, e tem o poder de impactar o futuro dos indivíduos e da humanidade. Em toda história de sucesso, ou de transformação da humanidade, o profissional da educação teve fundamental e necessária contribuição. Por essa importância, é necessário entender a complexidade envolvida no exercício da profissão de professor, imersa em tensões, desafios e conflitos. Na área do trabalho educacional, portanto, existe uma relação entre quem produz e o que é produzido que não é facilmente entendida. Tanto quem trabalha (professores) como quem é trabalhado (estudantes) apresentam semelhanças, tais como: valores, interesses e motivações. Esta interação acaba sendo elemento marcante da natureza externa e interna dos trabalhadores que laboram em prol da educação (Godinho, 2018).

Logo, uma ação docente significativa envolve competências, habilidades e qualificações dialógicas, horizontais, contextualizadas, epistemologicamente empáticas, ressignificadas, interacionistas, que afastam dois tipos de violência: a da presunção e a das rotulações negativas sobre o educando (Godinho, 2018). O processo de aprendizagem, nesse sentido, engloba as concepções teóricas dos assuntos, as práticas didáticas e os conteúdos de ensino que são expostos pelos professores em sala de aula e que devem ter relações com o presente e o cotidiano dos alunos contribuindo para uma melhor aprendizagem.

Para Giaponesi (2008), a sociedade considera o trabalho docente rotineiro, previsível e, muitas vezes, depreciável. As condições de trabalho, ligadas a falta de investimentos na educação e o desinteresse dos alunos, favorecem o estresse no contexto do trabalho docente. Como consequência, não é raro encontrar professores desmotivados, insatisfeitos e com dificuldades em exercer seu efetivo papel de educador.

Seguindo por essa vertente, percebe-se que as questões relacionadas ao prazer, à felicidade, ao sofrimento e à tristeza se destacam entre profissionais da educação. As profissões vinculadas ao serviço e ao cuidado humano estão veementemente

apoiadas em interações humanas. Por isso, Godinho (2018) sustenta a ideia de que as atividades docentes têm sido impactadas por uma crise de sentidos relacionados à atividade produtiva, à identidade profissional e às fontes de satisfação com a vida.

Face o exposto, o presente artigo propõe-se a entender o sentido do trabalho docente a partir da perspectiva de professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo. Para tanto, está organizada em tópicos. O primeiro trata-se desta introdução. O segundo e o terceiro discutem sentido do trabalho e trabalho docente respectivamente. O quarto apresenta os procedimentos metodológicos deste estudo. Em seguida, são descritos e discutidos os dados empíricos coletados através da aplicação dos questionários e das entrevistas realizadas. Sendo assim, esse conteúdo está dividido em três blocos. O primeiro traça o perfil dos professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo. O segundo trata das motivações que levaram os profissionais a seguirem a carreira docente. O terceiro bloco discute a respeito das fontes de prazer e sofrimento no trabalho e o nível de satisfação com o trabalho. Por fim, a última seção apresenta as considerações finais da pesquisa.

## O sentido do trabalho

A origem da palavra trabalho está diretamente relacionada à sofrimento e punição. O termo vem do latim *tripalium*, que era um utensílio de pau, com ponta de ferro, muito utilizado pelos agricultores para amassar os cereais que produziam. Curiosamente, era também o nome de um instrumento de tortura utilizado contra os escravos e os presos. Relacionada à palavra trabalho está o verbo *tripaliare* que significa torturar (Woleck, 2002).

A noção moderna de trabalho foi transmitida pelos gregos, que utilizavam duas palavras para designá-lo: *ponos*, que faz alusão a tormento e a penalidade e *ergon*, que define criação, obra de arte. Isso demonstra a diferença entre trabalhar no sentido de penar e trabalhar no sentido de imaginar, produzir e criar (Woleck, 2002). No entanto, por muito tempo, trabalho significou prática dolorosa, penalidade e punição (Woleck, 2002).

É a partir do século XVI, com a Reforma Protestante, originada por Lutero, que há o enaltecimento do labor e o início dos julgamentos negativos à vivência ociosa. O trabalho deixou de ser visto como punição e passou a ser visto como vontade divina. Essa perspectiva trouxe um status de salvação e todos aqueles considerados capazes de exercer as suas ocupações laborais tinham o dever de fazê-lo (Woleck, 2002). Depois da Reforma Protestante, já no século XVII, surge a burguesia, originária das ações dos antigos servos, que compraram sua liberdade e se dedicaram ao comércio (Alvim, 2006). Com o enriquecimento dos conhecimentos científicos do século XVII, a queda do feudalismo em consequência da ascensão do capitalismo e todas as mudanças sócio-históricas provenientes desse período, a prática do trabalho se consolidou na sociedade. É a partir desse período que o sentido do trabalho começou a se modificar.

No século XVIII, acontece a Revolução Industrial, um grande ponto de referência na história do trabalho. Com a Revolução, “inicia-se um processo de industrialização e instauração de um modelo de trabalho mecanizado, que implicava alguns fenômenos, em especial a alienação no trabalho” (Alvim, 2006, p. 123.). De acordo com a visão marxista, as condições alienantes do trabalho “só ocorriam na medida em

que os homens se tornavam escravos dos produtos fabricados, dos horários, das metas de produção, de renovação, entre outros” (Rocha, 2009, p. 6). Marx ainda defendia que a essência do ser humano está no trabalho, ou seja, o homem é aquilo que produz (Marx, 2013). Essa condição de existência do homem com a natureza era chamada, pelo filósofo, de trabalho útil. Ou seja, o homem apodera-se de elementos da natureza com a finalidade de satisfazer as suas necessidades: “ao submetê-la aos seus próprios fins, o homem realiza, neste sentido, uma humanização da natureza” (Woleck, 2002, p. 5). Deste modo, os ideais marxistas salientavam que o trabalho, enquanto produtor de valor de benefícios específicos atribui importância ao produto produzido e por quem foi produzido.

Contudo, Marx (2013) afirmava que o processo de desenvolvimento do trabalho também era caracterizado pela supervisão do capital. O filósofo explicava que o capitalista controlava o trabalho para que esse fosse realizado de maneira correta. Em outras palavras, “para que os meios de produção sejam utilizados de modo apropriado, a fim de que a matéria-prima não seja desperdiçada e o meio de trabalho seja conservado, isto é, destruído apenas na medida necessária à consecução do trabalho” (Marx, 2013, p. 193). Desta forma, porém, o produto do trabalho se torna propriedade do capitalista e não de quem o produz. Além disso, o capitalista compra a força de trabalho do trabalhador por um dia. Portanto, de acordo com Marx (2013, p. 193), “ao comprador da mercadoria pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho, ao ceder seu trabalho, cede, na verdade, apenas o valor de uso por ele vendido”.

Detendo o trabalho como categoria fundante da condição humana na produção da existência, pensar no trabalho docente é também pensar num trabalho que subsidia os interesses demarcado pela sociedade capitalista. Nesse sentido, Kuenzer e Grabowski (2006) ressaltam que a classe trabalhadora, ainda que participe do processo de produção através de sua prática cotidiana, sempre estará em desvantagem na perspectiva do projeto hegemônico. E na educação, entende-se que não seria diferente. Os professores operacionalizam o saber sistematizado, mas muito pouco lhe é conferido na reflexão de suas práticas e no reflexo delas para a contribuição da emancipação da classe trabalhadora em geral, ou da classe docente em particular. Refletir sobre o sentido do trabalho é, portanto, um desafio importante para entender como o trabalho fundamenta a produção da vida visível entre os profissionais da educação do município de Belo Campo, interior da Bahia.

Por isso, Marx (2013) criticava as estatísticas defendidas de que, com a Revolução Industrial, as pessoas estariam vivendo melhor, porque os preços das mercadorias estavam mais baixos. Segundo o filósofo, eram estatísticas ilusórias, pois o que proporcionava o aumento da produção e, com isso, a diminuição dos preços era o aumento da exploração da mais-valia, ou seja, o aumento da jornada de trabalho além do que era necessário para o trabalhador sobreviver, pois se “aumentava o trabalho de homens, mulheres e até mesmo de crianças no processo de produção” (Oliveira, 2004, p. 91). Ademais, a elevada demanda de mão de obra aumentava cada vez mais a exploração do trabalho pelos donos das fábricas. Tal desumanização do homem fez surgir as primeiras ideias básicas de direito trabalhista. O Direito do Trabalho decorre no período das Revoluções Francesa e Industrial e com a crescente exploração do homem no trabalho. Ocorre no século XIX contra a utilização sem limites do trabalho humano (Oliveira, 2004).

As diversas mudanças que ocorreram através da história fizeram com que o trabalho tomasse uma maior proporção na vida das pessoas. No âmago dessas mudanças, houve um movimento progressista das pessoas com o trabalho e a vida profissional (Alvim, 2006). Tal envolvimento, muitas vezes, é marcado por relações de prazer. O prazer, por sua vez, está relacionado pela busca do sentido da vida através do trabalho. Assim, ter um trabalho é um objetivo para muitas pessoas e tem passado por grandes transformações nos últimos tempos.

Para Antunes e Alves (2004), em plena era globalizada, os trabalhadores possuem percepções cada vez mais heterogêneas e diversificadas com relação ao trabalho. Atualmente, o trabalho não é entendido como uma mera atividade inata do ser humano que objetiva somente a sobrevivência. Desta forma, Rovida (2016) conceitua o trabalho como sendo uma ação humana necessária e capaz de transformar o meio ambiente e o próprio ser: “o homem planeja, melhora suas condições de vida, altera a natureza a sua volta e muda a si mesmo” (Rovida, 2016, p. 185). Partindo então da premissa de que o trabalho é essencial à atividade humana, torna-se concebível pensar sobre o quão importante as profissões são para os indivíduos na atualidade. Além disso, torna-se relevante discutir a relação entre trabalho e construção das identidades sociais (Rovida, 2016).

Sendo assim, os sentidos e significados do trabalho têm sido alvo de estudos de diversos pesquisadores. Entretanto, é importante destacar que, por serem construtos complexos e em construção, não há consenso em relação ao uso das expressões sentido e significado do trabalho (Bardini & Tolfo, 2018). Essa diferenciação entre os conceitos é discutida constantemente entre os pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Na Administração, por exemplo, Tolfo, Coutinho, Bahry, Andrade e Dellagnelo são os principais autores desses estudos.

Destarte, ao relacionar o termo sentido ao ato de trabalhar, Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012) consideram que o sentido pode estar relacionado a uma atividade satisfatória que possibilita autorrealização, bem-estar e prestígio social, experiências e relacionamentos humanos satisfatórios, como também pode estar calcado na utilidade e associado a atividade econômica e a busca de poder.

Nesse sentido, “o trabalho significativo torna-se, portanto, uma importante via no aprimoramento da relação entre organização e indivíduo” (Silva & Simões, 2015, s. p.). Para as autoras, o trabalho significativo é compreendido quando as instituições contribuem para os seus empregados encontrarem sentido nas suas funções laborais. Em outras palavras, nas empresas, quando os funcionários descobrem sentido na atividade exercida, encontram também maiores objetivos nas organizações criando valor para clientes, fornecedores, acionistas e sociedade. Ou seja, quando o indivíduo acha sentido no que realiza, suas atitudes para com a instituição se tornam mais otimista e proveitosa.

Assim, a experiência de prazer no trabalho está ligada ao bem-estar, no corpo, na mente e nas relações interpessoais. Ademais, “manifesta-se por meio de realização, reconhecimento, liberdade e gratificação, como resultado do trabalho e da sua valorização” (Castro & Cançado, 2009, p. 22). A vivência do prazer no trabalho resulta, então, em uma adequação da carga psíquica e, conseqüentemente, melhor funcionamento da psiquê do trabalhador.

Toledo (2006), citado em Lima, Garcia, Tomaz (2015), relata que o trabalho como fonte de prazer está além da satisfação e contentamento da necessidade econômica. Em outras palavras, está relacionado a uma satisfação de realizar algo



com esmero, capricho, ao ponto de desejar deixar sua marca. Sousa, Bueno e Silva (2016) enfatizam que quando o sujeito encontra sentido no trabalho torna-se entusiasmado a evoluir com a organização, sente-se reconhecido e isso fortifica a sua identidade.

Portanto, a organização exerce influência na maneira de pensar do trabalhador. Quando não há sintonia entre a organização e o trabalhador acerca das suas especificidades e particularidades, ocorre o sofrimento, que se introduz no psíquico do indivíduo. Segundo Dejours (2004), o sofrimento se origina quando o indivíduo perde o domínio sobre sua tarefa, não conseguindo torná-la admirável, agradável, adorável e confortável materialmente e desconsiderando seus anseios psicológicos. Barros e Mendes (2003), inclusive, ao investigarem as estratégias defensivas adotadas por terceirizados contra o sofrimento, verificaram que a vulnerabilidade e a insegurança do modelo de produção vigente intensificam o sofrimento laboral. Com isso, o sofrimento pode ser manifestado implícita ou explicitamente, a depender de como o sujeito reage a situações não prazerosas. O sofrimento, dessa maneira, pode se expressar por sentimentos como angústia, desprazer, tensão, agressividade, fadiga, alienação, medo, insegurança, ansiedade, solidão, ineficácia, depreciação e desgaste: “Todos oriundos do conflito entre as necessidades de recompensa e a limitação de satisfazê-las, impostas pelas restrições organizacionais” (Mateus & Honório, 2018, p. 5).

Sendo assim, o sentido destinado ao trabalho é fundamental para o comprometimento dos empregados. O estudo do sentido do trabalho torna-se relevante, portanto, ao assumir uma via de aprimoramento na relação entre indivíduo e organização, visto que quando o trabalho não tem sentido passa a ser uma barreira na vida de quem o realiza, além de estar relacionado a ideia de esforço penoso (Silva & Simões, 2015).

## O trabalho docente

Diversas mudanças ocorreram na educação brasileira e na profissão de professor nos últimos anos. O caminho percorrido pela profissão docente tem uma íntima e estreita relação com o histórico escolar da educação e com os obstáculos por ela enfrentados. A profissão docente sofreu, inclusive, os reflexos da industrialização dos modelos taylorista-fordista empregados nas organizações, o que conferiu ao professor uma tarefa mecânica, na qual o pensar e agir foram lhes tirado. As crescentes reformas e propostas educacionais afastaram o professor dos próprios conflitos relacionados às suas funções (Hegemeyer, 2004). Atualmente, pode-se dizer que ser professor é uma tarefa bastante difícil e complexa. Para Hegemeyer (2004, p. 4) “a profissão docente, nas últimas décadas, se depara com um processo de valorização/desvalorização, crítica e perda de identidade”.

Em se tratando do trabalho desempenhado pelo professor, é importante destacar que a sociedade se apresenta mais exigente e em constante transformação. Por isso, há a necessidade de desenvolvimento e enrijecimento de uma consciência coletiva, que objetiva a promoção social e a garantia do bem comum (Gonçalves, Silveira, Kimura, 2015). É diante desse contexto, que o professor é chamado para atuar em processos formativos que vão além da mera decodificação e abundância de informações por meio da realização de tarefas mecânicas e carecidas de sentido. O professor atual apresenta-se como um mediador de um processo que colabora com a

formação de cidadãos, pois não há mais espaço para a escola limitada ao ensino da técnica, na qual os alunos se comportam como espectadores. “Ensinar significa mais que transmitir conhecimentos, é preciso refletir sobre eles e colocá-los em discussão” (Gonçalves et al., 2015, p. 39894).

O professor, inclusive, sente-se atônito frente às mudanças de valores e significados da sociedade. Com a facilidade de acesso ao conhecimento, por meio das mídias (televisão, internet, revistas, cinema, vídeos etc.) e também através dos relacionamentos na sociedade, como os grupos de amigos, a igreja, as tribos urbanas, a música, o futebol e outras, o profissional da educação se vê em meio a dúvida de como atribuir novas funções para os seus alunos face à aceitação de todos os jeitos de ser e estar na sociedade (Hegemeyer, 2004).

O conflito gerado por essa dúvida surge na realidade diária das práticas do professor. O docente, nessa situação, precisa provar constantemente sua competência, com a finalidade de conduzir o aprendizado. Mateus e Honório (2018) acrescentam que é nessa rotina do trabalho docente que o vínculo afetivo e emocional com o aluno surge.

Tal situação foi gerada pelas mudanças bruscas no sistema de ensino, no qual o profissional docente deixou de atuar com satisfação pessoal e passou a atuar de forma rotineira. As atividades aumentaram, reduzindo-se, assim, o tempo dedicado ao lazer e à família. Ele passou a conviver com a realização de um trabalho prático, tendendo a se tornar mais tecnicista que educador (Mateus & Honório, 2018). Acrescenta-se ainda que a atividade docente sofreu e ainda sofre desvalorização por estar inserido em um contexto social que trata o trabalho do educador como algo de menor valor. Mateus e Honório (2018, p. 2) afirmam que essas condições aumentam a “sensação de pressão exercida pelo trabalho, além de provocar no docente a perda de identidade ou sentido naquilo que faz.”

Apesar do quadro preocupante que se apresenta, uma grande quantidade de professores permanece ativos em sala de aula promovendo e buscando uma transformação qualitativa da sociedade, embora as suscetíveis pressões no trabalho. Além disso, a atividade do docente exige uma relação afetiva e emocional com o aluno, que pode sofrer interferências na atividade profissional e gerar dúvidas sobre sua competência na realização de suas funções.

Dessa maneira, “o trabalho docente é carregado de sentidos e significados, construídos por meio de concepções e experiências dos professores na relação com seus pares e com outros sujeitos sociais” (Gonçalves et al., 2015, p. 39894). Sua importância é endossada nos discursos populares, nos discursos políticos e nos discursos midiáticos. Trata-se, verdadeiramente, de um profissional indispensável ao desenvolvimento de uma nação, mas que não é adequadamente valorizado.

## Procedimentos metodológicos

O presente estudo é do tipo descritivo-exploratório. Descritivo porque tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2002, p.42). Em relação a técnica, optou-se pelo estudo de caso, que consiste “no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado

conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados” (Gil, 2002, p. 54).

Tendo em vista que a população ou universo de uma pesquisa é o total de indivíduos que tem as mesmas características precisas para um determinado estudo (Prodanov & Freitas, 2013), o universo desta pesquisa foi constituído pelo corpo docente da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo, na cidade de Belo Campo, interior da Bahia, tendo em vista a disponibilidade dos professores em contribuir com o estudo e a importância do colégio para uma cidade de pequeno porte, cuja população foi estimada pelo IBGE (2021) em 17.013 habitantes.

A unidade possui 44 professores que atuam nos turnos matutino e vespertino e três auxiliares que cuidam de alunos deficientes. Adotando um nível de confiança de 90% e uma margem de erro de 6%, optou-se, na primeira etapa da pesquisa, por uma amostra probabilística com 37 docentes. É oportuno salientar que era previsto a realização de um censo na unidade escolar, porém, alguns professores se recusaram a responder as perguntas, então, optou-se pela amostra probabilística, por consequência, o número de respondentes foi reduzido. Em um segundo momento, através de amostra não-probabilística por conveniência, em que a escolha leva em conta os elementos que o pesquisador julga representar o universo (Gil, 2008) entrevistaram-se oito professores da referida unidade, sendo que um deles é a coordenadora. É válido destacar que os respondentes tiveram suas identidades preservadas, assim, são identificados pelo cargo e uma numeração.

Para a coleta dos dados, foram utilizados, portanto, dois instrumentos: o questionário e a entrevista. O questionário foi aplicado a todos os professores que se dispuseram a colaborar com a pesquisa de campo. O questionário passou por uma etapa de pré-teste, com uma amostra reduzida, a fim de corrigir eventuais erros de formulação. Para identificar as fontes de prazer e sofrimento no trabalho, na visão dos professores, elaborou-se duas questões fechadas, uma relacionada ao prazer e outra ao sofrimento, adotando-se a escala do tipo Likert. Tais questões tinham a finalidade de verificar o grau de concordância quanto a situações e elementos do trabalho de favorável à desfavorável (Miranda, Pires, Nassar, Silva, 2008). Esses resultados receberam tratamento quantitativo e tiveram suas médias, desvio padrão e variância calculados. Os respondentes deveriam marcar a opção de acordo com o seu grau de importância: 1 (menos importante); 2 (pouco importante); 3 (indiferente); 4 (importante) e 5 (mais importante). Deste modo, as médias mais próximas de 5 representaram as fontes de prazer e/ou sofrimento com maior grau de importância, enquanto as médias mais próximas de 1 correspondiam às fontes menos prazerosas ou sofríveis.

Outro instrumento de coleta de dados adotados foi a entrevista com roteiro semiestruturado. Nesta etapa, participaram a coordenadora e alguns professores da unidade escolar, por meio de um roteiro semiestruturado, que foi pré-elaborado levando em consideração os objetivos da pesquisa, mas permitindo que o entrevistador fizesse adaptações necessárias no decorrer da entrevista.

A coleta de dados foi realizada em dois momentos: o questionário online foi aplicado em março de 2020, por e-mail e aplicativos de mensagens. Já as entrevistas foram realizadas entre setembro e outubro de 2020, pelo *Google Meet*, uma vez que o país enfrentava a pandemia da Covid-19 e havia recomendação de isolamento social. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Os dados coletados receberam tratamento quali-quantitativo. Deste modo, os dados coletados



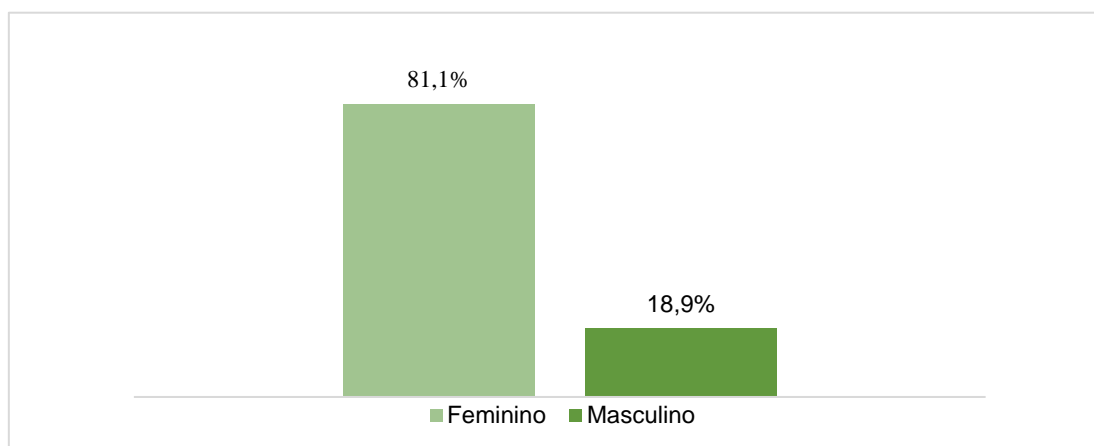
através das entrevistas receberam tratamento qualitativo, no qual procurou-se encontrar ligações entre as informações dadas pelos entrevistados e os conceitos do referencial teórico, com o intuito de criar hipóteses teóricas que fossem satisfatoriamente válidas. Ao passo que os dados dos questionários aplicados foram tabulados com o auxílio do software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e receberam tratamento quantitativo.

## Perfil dos professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo

A Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo, objeto deste estudo, foi fundada em 1969 com o nome de Instituto Municipal de Educação de Belo Campo. Nessa época, o curso primário obrigatório era até o 5º ano, então, através do Decreto Municipal 01/71, de 02 de fevereiro de 1971, o ensino foi expandido para o 9º ano (denominação atual). Com isso, os estudantes do município tiveram oportunidade de complementarem seus estudos até o 9º ano do Fundamental II, série ofertada até os tempos atuais, uma vez que é responsabilidade do Governo Estadual a oferta do Ensino Médio. Nessa ocasião, no ano de 1976, o Instituto Municipal de Educação de Belo Campo passou a se chamar Colégio Municipal de Belo Campo. No entanto, foi no ano de 2019, que o Colégio, por meio do convênio com a Polícia Militar, passou a se chamar Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo.

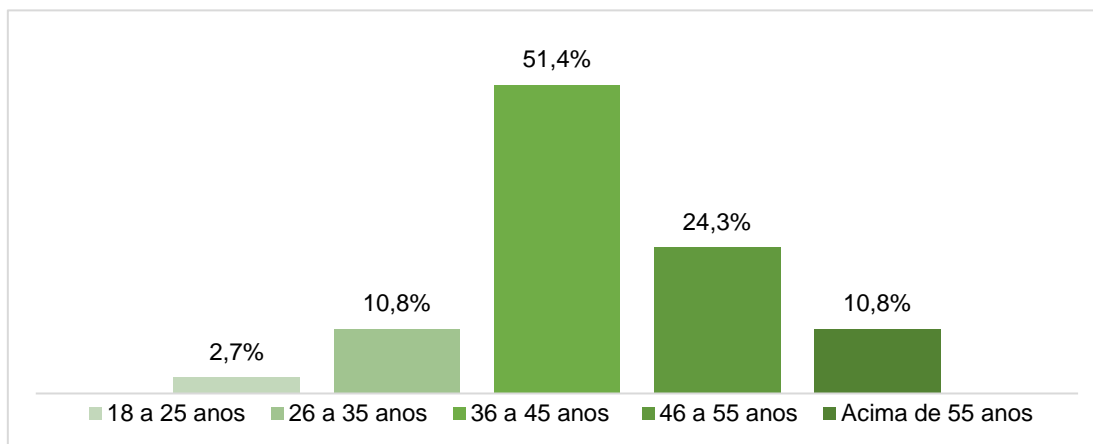
A referida unidade escolar possui 780 alunos matriculados, 19 salas de aulas, 44 professores que atuam nos períodos matutino e vespertino, três cuidadores que ajudam os alunos que são deficientes físicos ou mentais e conta com o apoio dos Policiais Militares que auxiliam na disciplina, desde a organização do fardamento dos alunos até o estabelecimento e exigência do cumprimento das regras de comportamento e convívio dos estudantes com a intenção de promover uma formação cidadã e ética das crianças e jovens.

Sobre o perfil dos professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo, de acordo com os dados obtidos, há predominância de mulheres na docência da referida unidade escolar (Figura 1).



**Figura 1.** Sexo  
Nota. Fonte: Pesquisa de campo (2020)

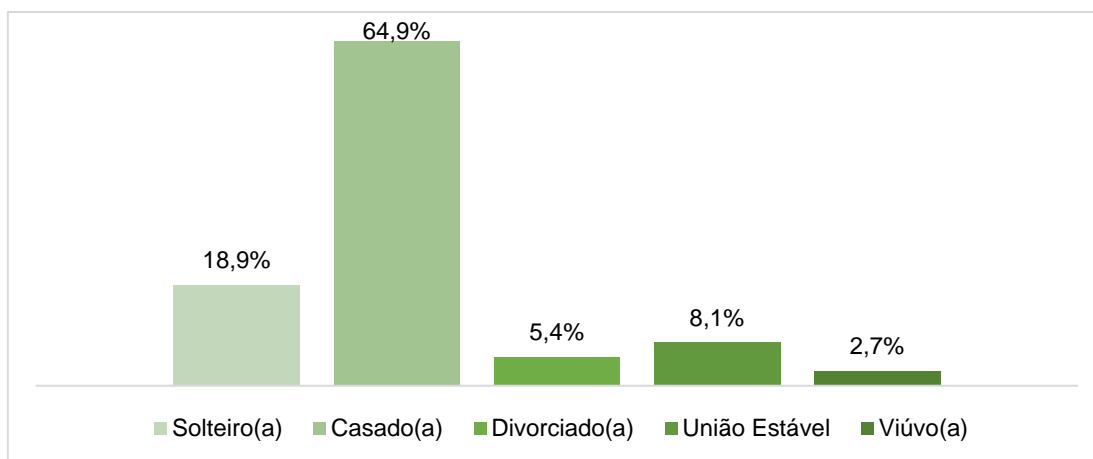
Referente a faixa etária, predominam profissionais entre 36 e 45 anos, seguida das faixas de 46 a 55 anos, 26 a 35 anos e acima de 55 anos (Figura 2).



**Figura 2.** Faixa Etária

Nota. Fonte: Pesquisa de campo (2020)

Já em relação ao estado civil, a maioria dos entrevistados é casada.

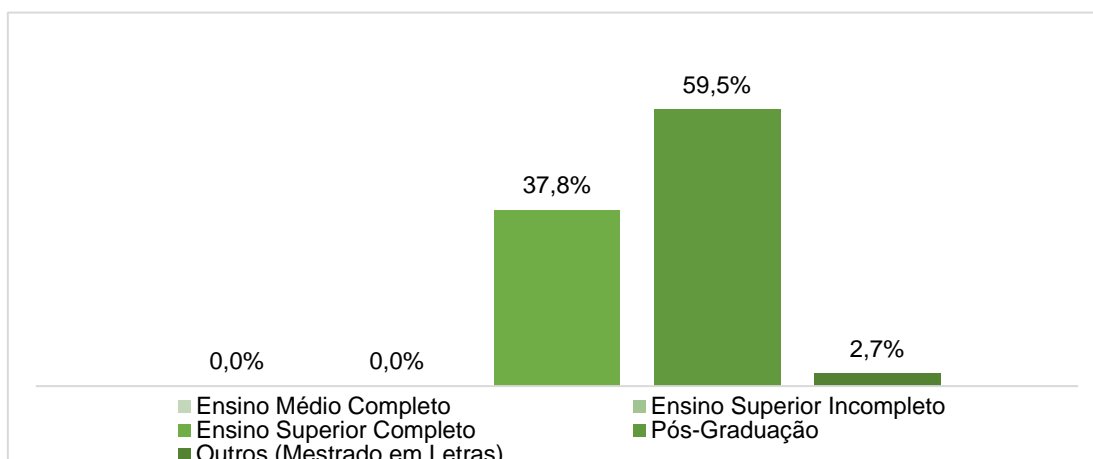


**Figura 3.** Faixa Etária

Nota. Fonte: Pesquisa de campo (2020)

A predominância de trabalhadores casados implica em dificuldades para equilibrar as demandas familiares e profissionais, tendo em vista que as demandas não se restringem a esfera profissional, por isso, na maioria das vezes, gera uma sobrecarga na vida cotidiana da professora e professor.

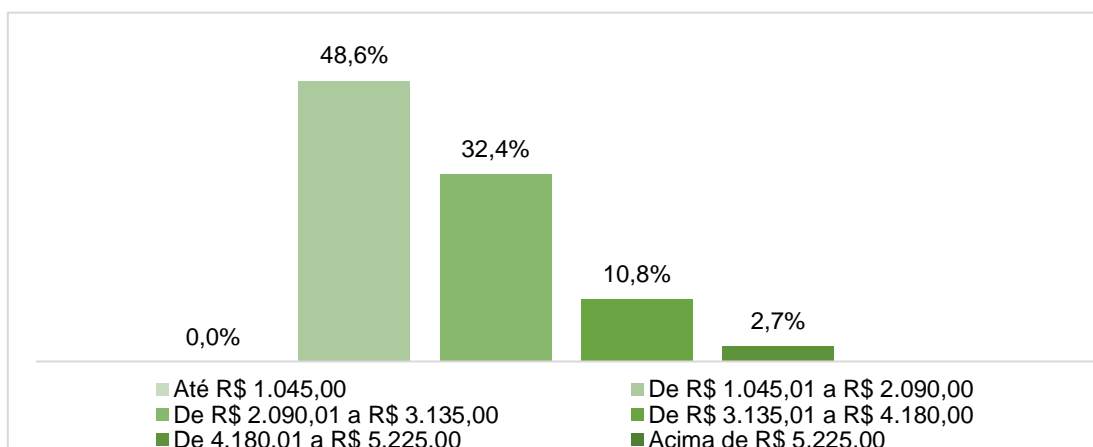
Em relação a escolaridade, a maior parte dos informantes possui pós-graduação, seguido dos que afirmaram ter ensino superior completo e dos que possuem mestrado (Figura 4).



**Figura 4.** Escolaridade

Nota. Fonte: Pesquisa de campo (2020)

Sobre a faixa salarial, observa-se que a maioria dos participantes recebe entre R\$ 1.045,01 e R\$ 2.090,00, sendo sucedido pelos professores que percebem entre R\$ 2.090,01 e R\$ 3.135,00, os que afirmaram receber entre R\$ 3.135,01 e R\$ 4.180,00, 5,4%, os que informaram receber acima de R\$ 5.225,00 e os que recebem entre R\$ 4.180,01 e R\$ 5.225,00.



**Figura 5.** Faixa Salarial

Nota. Fonte: Pesquisa de campo (2020)

A questão da faixa salarial é de extrema importância, pois o salário configura-se como um elemento significativo para análise do nível de satisfação e, potencialmente, impacta no prazer ou sofrimento no trabalho. Os profissionais que estão descontentes com o salário referem-se a falta de valorização do trabalho e tendem a se sentirem insatisfeitos, frustrados, etc.

## Carreira docente: motivações

Os professores participantes da pesquisa responderam as questões relacionadas as motivações que os fizeram seguir a carreira docente. De acordo com as respostas obtidas, 43,2% dos participantes escolheram a docência pela vocação,

enquanto 27% acreditam que a estabilidade tenha sido a principal motivação. O desejo de autorrealização foi marcado por 18,9% dos respondentes. Fatores como desemprego e falta de opção foram a opção de 5,4% respectivamente.

Apesar da falta de opção ter sido representada apenas por 5,4% dos respondentes, as respostas das entrevistas nos levam senão a questionar ao menos refletir sobre tais achados. A maioria dos relatos dos professores durante as entrevistas demonstra que a carreira docente era uma das poucas oportunidades de emprego existente no município pesquisado e, por isso, tiveram que optar pela docência, conforme relato da Professora 6: “A única opção na cidade em que eu morava na época era seguir a carreira do Magistério” (Professora 6). A Professora 1 ainda acrescenta que, além de ter se revelado uma chance para desempenhar um trabalho assalariado, a carreira docente propiciou vantagens para cursar o ensino superior: “O que determinou a escolha da profissão de professor foi quando percebi que era uma oportunidade de emprego em Belo Campo e quando percebi que ela poderia me proporcionar o estudo superior, pois, queria fazer uma faculdade” (Professora 1). Nesse sentido, nota-se que o emprego no setor público, muitas vezes, representa uma opção segura e promissora. Além disso, o trabalho público pode ser percebido como uma oportunidade de mudança de carreira com a obtenção de melhores condições de vida e garantia de remuneração no início da vida laboral (Fontoura, 2010).

As narrativas dos Professores 2 e 3, no entanto, demonstram que, embora a escolha da docência, inicialmente, tivesse relação com a falta de opção, o apreço em ensinar fizeram com que se afeioassem ao trabalho.

“De início, foi o trabalho que consegui por ter cursado 2 anos de licenciatura plena em letras com inglês, português e literatura, porém, o gosto por lecionar, me fez concluir uma formação (educação física) e continuar nessa profissão que tanto gosto (Professor 2).

No início, escolhi ser professora por falta de opção, pois em minha cidade só oferecia o Magistério como Ensino Médio. Com o passar do tempo, ainda no curso e com os primeiros contatos com os alunos nos períodos de estágios descobri que o magistério é uma das atividades mais bonitas e mais gratificantes que existem. Ádua, sem dúvida, mas muito bela. Conhecer nossos alunos, transmitir conhecimento, receber conhecimento, criar laços, ver o desenvolvimento e contribuir para que ele se dê de forma prazerosa, tudo isso determinou e continua determinando a minha escolha.” (Professora 3).

Esses depoimentos são relevantes, posto que quando o indivíduo se conscientiza de suas escolhas, seus saberes e vocação encontram genuinidade e prazer no exercício da profissão, o que resulta em significado e sentido no trabalho (Alvim, 2006). Em contrapartida, quando há divergências de desejos, apatia e despreendimento na relação trabalhador e trabalho, o sujeito pode tornar-se indiferente.

Com relação ao tempo de exercício como docente, 40,5% dos participantes atuam como professor há mais de 21 anos, seguido de 32,4% que desempenham a função há mais de 11 anos. De outra forma, 18,9% exercem a carreira docente entre 1 e 10 anos e 8,1% desempenham a atividade docente há mais de 30 anos.

O tempo de trabalho é um dado importante, pois se acredita que aqueles que realizam a função há mais tempo possuem mais experiências e, consequentemente, maior desenvoltura de avaliação do trabalho. Em outros termos, o conhecimento da

docência pode ser conquistado através da prática ou vivência e aprimorado ao longo dos anos. Segundo Therrien e Loiola (2011), a docência é regida por valores, práticas e os saberes docentes são pautados pela experiência, ou seja, o “saber fazer” se forma a partir do momento que o professor ou professora evoluem.

Quanto ao tempo de atuação do professor na unidade escolar pesquisada, 35,1% atuam na instituição há mais de 21 anos, 32,4% trabalham há mais de 11 anos, 27% até 10 anos e 5,4% estão na organização há mais de 30 anos.

Além de mais experiência e condições para avaliar a atividade laboral, o tempo de atuação do professor na instituição pode interferir no grau de afetividade com o local de trabalho, como declarado pelo Professor 7, uma vez que o tempo faz com que o sujeito crie um vínculo com as pessoas e com o lugar.

“Eu trabalho no Colégio Municipal (Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo) desde 1996, há 24 anos. Realmente, há um laço afetivo muito forte. Lá, eu me sinto “em casa”, me sinto muito bem. Nesse período, tive o prazer de conhecer muitas pessoas, alunos, funcionários e colegas professores que por lá passaram, chegaram e continuam lá e outros que já estavam lá quando cheguei. É um ambiente agradável de se trabalhar.” (Professor 7).

Desta forma, o sentido do trabalho para os docentes atuantes há mais tempo na instituição é diferente daqueles que atuam há menos tempo, em decorrência das percepções e experiências com seus pares e outros indivíduos sociais.

Com relação a jornada de trabalho, a maioria dos respondentes trabalha 20 horas (64,9%), seguido por aqueles que trabalham 40 horas e 60 horas, representado por 32,4% e 2,7% respectivamente. É válido destacar que a carga horária de trabalho, quando desequilibrada ou excessiva, pode contribuir para vivências de sofrimento no trabalho. Nesse sentido, Mateus e Honório (2018) acrescentam que a sobrecarga, seja ela física ou emocional, faz com que os indivíduos tenham dificuldades em lidar com os normativos organizacionais e desejos pessoais, acarretando problemas como o estresse e esgotamento emocional.

Portanto, para compreender a excessiva carga de trabalho docente, buscou-se conhecer a quantidade de instituições em que os entrevistados atuam como professor. Verificou-se que 48,6% atuam em uma única instituição, no caso, na unidade escolar analisada, e 48,6% lecionam em duas instituições. Apenas 2,7% atuam em três instituições.

Em se tratando do tipo de contrato de trabalho, 67,6% dos professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo são efetivos e 32,4% possuem contrato por tempo determinado. O tipo de contratação do profissional revela se o trabalhador ou trabalhadora usufrui de estabilidade e, por conseguinte, de segurança. Não gozar de tais prerrogativas pode gerar sentimentos de sofrimento relacionados a insegurança (Barros & Mendes, 2003). Além do mais, o professor contratado nem sempre experimenta o mesmo sentimento de valorização, assim, sente-se frustrado e injustiçado, como relata a Professora 5 que é contratada por tempo determinado: “não tenho direito a um plano de carreira e tenho uma perca salarial muito grande, então me sinto desvalorizada... não tenho segurança, pois quando o contrato encerra no final do ano, não sei se volto a trabalhar”. Assim, tais emoções podem refletir negativamente no exercício da profissão.

Rocha (2009) explica que a lógica do capital que impera na sociedade atual e estimula a produção e, por vezes, difunde a necessidade desenfreada pelo consumo,



muitas vezes, leva os sujeitos a desenvolverem uma multiplicidade de funções como trabalhador para atender tais princípios, pois as condições salariais são precárias. Deste modo, assim como tantos outros trabalhadores, o professor, muitas vezes, acaba desenvolvendo funções as quais não estão preparados no âmbito educacional e, muitas vezes, sujeitam-se a desempenhar atividades e ocupações fora do contexto escolar para ampliar seus rendimentos. Portanto, foi perguntado se os professores desempenham outra atividade além da docência, a maioria respondeu que não (81,1%), enquanto 10,8% responderam que são comerciantes, 5,4% são funcionários públicos e 2,7% (uma professora) respondeu que além de professora é enfermeira.

## Fontes de prazer e sofrimento

No que se refere ao sentimento de prazer, observou-se que o orgulho pela atividade que executa e o ambiente de trabalho são as fontes mais prazerosas para esses profissionais, obtendo médias de 3,86 e 3,81 respectivamente. Já o reconhecimento e a valorização receberam média 2,57 e 2,43 nesta ordem, portanto, são itens considerados menos prazerosos para os respondentes (Tabela 1). Destarte, as médias mais próximas de 5 representaram as fontes de prazer e/ou sofrimento com maior grau de importância, enquanto as médias mais próximas de 1 correspondiam às fontes menos prazerosas ou sofríveis.

Tabela 1  
Fontes de Prazer

Fatores de Prazer	Média	Variância	Desvio Padrão
<b>Orgulho pelo que faço</b>	3,86	1,14	1,08
<b>Bem-estar</b>	3,43	1,22	1,12
<b>Realização profissional</b>	3,62	1,05	1,04
<b>Valorização</b>	2,43	1,27	1,14
<b>Reconhecimento</b>	2,57	1,06	1,04
<b>Identificação</b>	3,54	1,22	1,12
<b>Gratificação</b>	2,95	1,46	1,22
<b>Ambiente de trabalho</b>	3,81	0,75	0,88
<b>Crescimento discente</b>	3,41	1,27	1,14

Nota. Fonte: Pesquisa de campo (2020)

O conteúdo da Tabela 1 remete ao debate de Castro e Cançado (2009), ao afirmarem que a experiência de prazer no trabalho está vinculada ao bem-estar que impacta no corpo, na mente e nas relações interpessoais. O depoimento da Professoras 5 ilustra tais considerações.

“O relacionamento agradável com os meus colegas de profissão, a troca de conversas e experiências, muitas vezes me alivia de estresses e tristezas passados em salas de aula com o desinteresse dos alunos, gerando um bem-estar grandioso e se tornando um dos principais fatores de prazer.” (Professora 5)

Neste sentido, o prazer pode ser expressado por um sentimento de júbilo e contentamento profissional e quando o ambiente laboral concilia valorização e reconhecimento do trabalhador, o trabalho torna-se mais prazeroso (Tamayo, 2004 citado em Lima *et al.*, 2015). Para Lima *et al.* (2015), a sensação de prazer é vivenciada quando o indivíduo percebe que o seu trabalho é importante e considerável tanto para a organização quanto para a sociedade. Além disso, quando o sujeito é elogiado por aquilo que faz e quando o trabalho se transforma em um modo de deixar sua marca pessoal, o trabalhador se sente orgulhoso pela atividade desempenhada, o que, por sua vez, proporciona a sensação de prazer.

A propósito, os relatos dos Professores 5 e 7 comprovam a percepção do sentimento de felicidade quando o trabalho desempenhado alcança resultados positivos e o estudante cresce e evolui. Além disso, as narrativas revelam que os docentes experimentam sensações de prazer quando são reconhecidos e admirados pelo trabalho desenvolvido.

“Acho que a sensação mais prazerosa relacionada ao trabalho, é quando você percebe que aquilo que você transferiu ao aluno é entendido por ele; é escutar o aluno falar que se lembrou de mim quando foi realizar algo importante; é quando o aluno ou ex-aluno me reconhece como professora de uma forma carinhosa e agradecida, até mesmo, fora do ambiente escolar.” (Professora 5)

“Ver um(a) aluno(a) se saindo bem, se desenvolvendo, aprendendo alguma coisa comigo. É muito gratificante quanto me deparo com alunos dedicados, estudiosos e que me tratam com respeito e consideração e mais ainda quando reencontro esses ex-alunos cursando uma faculdade, se tornando profissionais.” (Professor 7)

Ainda sobre a dimensão do prazer, Lourenço, Ferreira e Brito (2013) afirmam que a gratificação, a realização, o reconhecimento e a valorização caracterizam um trabalho prazeroso e resultam no fortalecimento da identidade profissional. No entanto, de acordo com a Tabela 1, com exceção da realização profissional que recebeu uma média considerada alta dentro dos parâmetros estabelecidos, a valorização, o reconhecimento e a gratificação foram itens considerados menos prazerosos, segundo os professores pesquisados, o que pode indicar que tais profissionais não experimentam essas fontes durante o trabalho.

Para Rocha (2009), a profissão de professor vem admitindo um caráter mecânico e absorto, logo, vem perdendo sua importância e valorização social. Segundo a Professora 3, o trabalho docente vem sendo desvalorizado em todos os meios sociais: “Infelizmente o professor tem perdido a valorização e reconhecimento pela sociedade, pelas políticas públicas implantadas, pelos alunos e, além disso, sua função e atuação tem se tornado ainda mais complexa” (Professora 3).

Com relação ao sentimento de sofrimento no trabalho, o baixo salário e a desvalorização foram considerados as principais fontes de sofrimento, enquanto a insegurança foi considerada o item menos sofrível (Tabela 2).

Tabela 2  
**Fontes de Sofrimento**

Fatores de Sofrimento	Mé- dia	Variância	Desvio Pa- drão
-----------------------	------------	-----------	--------------------

<b>Esgotamento emocional</b>	2,89	1,66	1,31
<b>Estresse</b>	3,06	1,66	1,31
<b>Insatisfação</b>	2,49	1,49	1,24
<b>Sobrecarga</b>	2,86	2,06	1,46
<b>Condições precárias de trabalho</b>	2,65	1,69	1,32
<b>Frustração</b>	2,65	1,58	1,27
<b>Insegurança</b>	2,14	1,68	1,32
<b>Baixo salário</b>	3,59	1,54	1,26
<b>Desrespeito</b>	2,57	2,03	1,44
<b>Desvalorização</b>	3,41	1,97	1,42

Nota. Fonte: Pesquisa de campo (2020)

Segundo Mateus e Honório (2018), quando os anseios e interesses do profissional não são considerados pela organização, o sujeito não consegue ter poder e influência sobre sua tarefa para torná-la prazerosa e agradável, então, o indivíduo tende a se sentir desvalorizado e frustrado. Seguindo essa ótica, os profissionais estudados consideram que o baixo salário é um dos fatores de sofrimento mais importante, pois exercer uma profissão mal remunerada resulta em um sentimento de empenho não reconhecido, ou seja, a desvalorização pela atividade desempenhada os aflige. De acordo com Sousa et al. (2016), as condições precárias de salário vinculadas a falta de valorização podem levar os profissionais a uma sobrecarga física e psíquica, ocasionando, por sua vez, o sentimento de sofrimento laboral.

A desvalorização também foi um dos principais motivos de sofrimento no trabalho, segundo resultado da Tabela 2. A profissão de educador é exigente, a atividade não é devidamente reconhecida, os esforços não são valorizados, os salários são baixos. Esse conjunto de elementos desperta um sentimento de sofrimento no trabalho, como endossado pela Professora 4:

“Ser professor atualmente virou uma profissão... de coragem, devido as inúmeras dificuldades que um professor passa ao longo de sua carreira, tipo a falta de reconhecimento do trabalho pelo poder público, baixos salário, fora os nossos alunos que a cada dia se torna mais desmotivados ao ensino.” (Professora 4)

De acordo com Cavalheiro (2010), a falta de reconhecimento e a desvalorização tem como consequência o desgaste no trabalho, gerando sensações de extenuação, apatia e aborrecimento para o trabalhador.

A análise das Tabelas 1 e 2 revela uma aparente contradição no que se refere à valorização e desvalorização, pois, na Tabela 2, a desvalorização foi um dos itens considerados de maior sofrimento, enquanto na Tabela 1 a valorização foi o fator menos prazeroso. Nesse sentido, questiona-se: como a desvalorização é considerada fator de sofrimento e a valorização não é considerada fator de prazer? Embora aparentemente contraditórios, tais dados podem ser complementares, uma vez que podem indicar que os professores se sentem tão desvalorizados, em diversos aspectos, que não conseguem perceber a valorização. Ou seja, o sentimento de desvalorização é tão acentuado que os profissionais pesquisados não conseguem experimentar o prazer da valorização.

Outro ponto que chama a atenção diz respeito à sobrecarga de trabalho, pois, apesar de não ser um dos itens com média alta para o sofrimento (2,86), a maioria dos respondentes, que trabalham por 40/60 horas semanais, acredita que a carga

excessiva de trabalho é um importante/mais importante desencadeador da sensação de sofrimento.

Tabela 3  
Fator sobrecarga e carga horária de trabalho

<b>Fator sobrecarga e carga horária de trabalho</b>				
<b>Sobrecarga</b>	<b>Carga Horária</b>			<b>Total</b>
	20 horas	40 horas	60 horas	
<b>1 – Menos importante</b>	7	2	0	9
<b>2 – Pouco importante</b>	9	0	0	9
<b>3 - Indiferente</b>	0	2	0	2
<b>4 - Importante</b>	5	7	0	12
<b>5 – Mais importante</b>	3	1	1	5
<b>Total</b>	24	12	1	37

Nota. Fonte: Pesquisa de campo (2020)

Nota-se ainda que 17 de um total de 37 pesquisados acham que a sobrecarga é uma razão importante/mais importante para o sentimento de sofrimento. A excessiva jornada de trabalho gera sofrimentos físicos e psíquicos, tais como estresse e esgotamento emocional que obtiveram médias de 3,06 e 2,89 respectivamente (Tabela 2). As reflexões de Bianchi (2013) corroboram com tais achados, ao descrever que o excesso de trabalho promove um desconforto latente para o trabalhador, influenciando de forma negativa os resultados laborais, como: a despersonalização, caracterizada pela falta de controle do que se faz ou fala; a alienação e a sensação de cansaço extremo. Dessa maneira, o Professor 7 acredita que a sobrecarga prejudica não só a saúde mental como também a qualidade do serviço prestado. Em sua fala, nota-se um indício de apatia quando o profissional afirma que já se acostumou com o excesso de trabalho.

“Uma grande carga horária do professor acaba prejudicando a qualidade do ensino... Trabalho 60 horas semanais, 40 nesta unidade escolar e 20 em outra, no município de Vitória da Conquista. É cansativo, às vezes estressante, mas já me acostumei. Procuro ter um bom relacionamento com os alunos e colegas o que facilita a convivência no dia a dia e torna esta rotina mais agradável.” (Professor 7)

Cavalheiro (2010) ressalta que o trabalho, apesar de indispensável para o homem, envolve apenas uma porção de ocupação do cotidiano da vida, devendo ser compartilhado com outros afazeres rotineiros e interesses pessoais que estão ligados à família, às amizades e ao lazer, entre outros elementos. Sendo assim, o trabalho, quando em desequilíbrio com as demais demandas, intensifica o sentimento de sobrecarga. Posto isso, verificou-se que a maior parte dos profissionais pesquisados relata que é difícil conciliar os compromissos pessoais com as obrigações profissionais. A Professora 4 ressalta que “quando se trabalha muito tempo em alguma área, achamos que o trabalho faz parte de nós, fica difícil separar, porque acabamos nos envolvendo demais”. Percebeu-se, também, que os entrevistados que são casados e que possuem filhos enfatizam a questão da dupla jornada: preocupações com o

ambiente escolar e preocupações relacionadas a família, conforme pode ser observado no relato da Professora 5:

Existe uma preocupação muito grande com os filhos quando nos tornamos mãe e constituímos família, aí passamos a ter uma dupla jornada, porque para gente não existe só o trabalho da escola, tem os deveres do lar também. Então a rotina se torna cansativa e te sobrecarrega (Professora 5).

Também adotando a escala do tipo *Likert*, foi possível investigar a percepção docente sobre as condições de trabalho, as doenças físicas e psíquicas e as conjunções de ensino. Nesse caso, optou-se pela análise percentual da escala de frequência de ocorrências, que oscilava de nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente e sempre.

Questionou-se aos professores se já tinham se ausentado por motivos de saúde por mais de 15 dias. Boa parte, 56,8%, afirmou que “nunca” se ausentou por mais de 15 dias, 32,4% “raramente” se ausentaram, 8,1% informaram que “algumas vezes” ficaram sem trabalhar por mais de 15 dias por motivos de saúde e 2,7% “sempre” se ausentam, quando necessário.

O afastamento do trabalho pode indicar, por um lado, que o ambiente laboral possui condições desfavoráveis acarretando o aparecimento de doenças físicas e psíquicas. O excesso de carga de trabalho, o esgotamento emocional, a fadiga são os principais causadores da sensação de mal-estar e, por consequência, das doenças físicas ou psíquicas do trabalhador (Lima *et al.*, 2015). Por outro lado, muitas vezes, o profissional frustrado torna-se indiferente ao trabalho e acaba adotando posturas defensivas, escolhendo se ausentar do trabalho e apresentando licenças e atestados médicos (Costa, Vieira, Sena, 2009). De todo modo, ambas as situações denunciam que há algo de errado. De acordo com os resultados, os professores e professoras da unidade escolar pesquisada pouco apresentam atestados. Esse resultado pode ter relação com a consideração docente de que o ambiente de trabalho é fonte de prazer.

Os respondentes foram perguntados se consideram que as condições de trabalhos oferecidas pela instituição agravam a sua saúde (física e mental). Essa é uma questão importante, especialmente porque alguns autores destacam que a carga horária, a remuneração e a estrutura física de instituições de ensino são responsáveis pelo surgimento de agravos relacionados à saúde. Desse modo, é conveniente salientar que a capacidade laboral do professor e, iminentemente, os resultados do ensino são influenciados negativamente se o profissional apresentar problemas físicos ou psicológicos (Santos & Marques, 2013). Posto isso, para 40,6%, “algumas vezes” as condições agravam o estado de saúde, 24,3% “nunca” agravam, 18,9% acham que “raramente” existem agravos e 10,9% apostam que “frequentemente” a saúde é afetada pelas condições de trabalho da instituição. Esses resultados revelam que as condições de trabalho da instituição são satisfatórias, porém, as situações de desrespeito, desvalorização e sobrecarga, por exemplo, abalam alguns professores:

Para mim, o maior sofrimento é presenciar a indisciplina dos alunos; é muito sofrido quando você entra em uma sala de aula e o aluno te humilha, te desrespeita. Eu não me preocupo tanto com o salário, mas eu queria encontrar uma forma melhor de trabalhar com os alunos, uma maneira de fazer com que eles se sintam interessados em aprender (Professora 5).



A respeito de uma possível relação entre as condições de trabalho e os resultados do ensino, os professores expressaram que “algumas vezes” (40,6%) há tal relação, 27% dizem que “sempre” as condições de trabalho interferem no ensino promovido aos alunos, 18,9% afirmam que “frequentemente” o resultado do ensino é influenciado pelas condições de trabalho. Como Santos e Marques (2013) explicam, o aprendizado dos alunos é afetado de forma negativa: se os professores estiverem passando por problemas de saúde, sejam eles físicos ou psíquicos, e se as condições da instituição de ensino forem desfavoráveis ou ruins.

Nesse sentido, durante a entrevista foi perguntado aos professores como avaliavam as condições de trabalho da instituição pesquisada. Observou-se que não houve homogeneidade com relação a percepção dos professores sobre as condições de trabalho oferecidas pela instituição: uma parte dos profissionais entrevistados considera as condições de trabalho da instituição ruins, como é o caso da Professora 6: “condições ruins, salas lotadas, falta de equipamentos tecnológicos, mobiliário inadequado ao trabalho pedagógico, falta de laboratórios, bibliotecas”. Em contrapartida, tiveram professores que avaliaram as condições de trabalho de maneira positiva, como o Professor 7: “As condições de trabalho são boas. A escola apresenta uma boa estrutura física e pedagógica”. Houve, ainda, professores mais comedidos, ou seja, aqueles que acreditam que as condições de trabalho da instituição não são uma das piores, mas que podem melhorar.

Pode se afirmar, então, que os profissionais pesquisados reconhecem que se o ambiente de trabalho for desfavorável, os resultados do ensino serão inferiores, pois os professores estarão desmotivados. Do mesmo modo, se as condições do ambiente de trabalho forem prazerosas, o serviço prestado aos alunos será superior, porque os professores estarão entusiasmados.

Os professores foram indagados a respeito do nível de satisfação com o trabalho desenvolvido. A pesquisa revelou que 70,3% estão satisfeitos com o trabalho realizado e 16,2% sentem-se pouco satisfeitos. Os níveis insatisfeito e muito satisfeito, foram igualmente pontuados (5,4%) e apenas 2,7% são indiferentes.

A satisfação no trabalho se configura como um estado emocional que pode ser influenciado por aspectos internos e externos à organização. Tais aspectos podem levar a um sentimento positivo, por meio da satisfação, ou negativo expresso através da insatisfação (Balieiro & Borges, 2015). Diante disso, Marqueze e Moreno (2005) afirmam que estudar o estado de satisfação no trabalho torna-se fundamental e complexo, visto que tal estado se dá em virtude da grande interação das relações de trabalho, do desempenho do trabalho e das concepções pessoais de cada indivíduo. Deste modo, vários aspectos podem interferir na sensação de satisfação no trabalho e devem ser levados em conta, uma vez que a satisfação leva ao bem-estar no ambiente laboral e, por conseguinte, ao melhor desempenho das atividades dos trabalhadores.

## Considerações finais

A sociedade, ao longo dos anos, tem passado por diversas transformações e os acontecimentos sociais modificam não só a maneira de pensar e agir das pessoas como também suas convicções, crenças, expectativas e necessidades. O conceito de trabalho, por exemplo, passou por inúmeras transformações no decorrer dos tempos: já foi visto como punição para pobres e escravos, também já foi tratado como

mercadoria durante a Revolução Industrial e, hoje, é essencial para as pessoas. Essas evoluções refletem na percepção dos sentidos que o sujeito dá ao trabalho.

Portanto, considerando que a sociedade sofre constantes modificações, cabe destacar que o trabalho docente, também, passa por contínuas reformulações. O professor, atualmente, além de reproduzir conhecimentos técnicos, participa da formação do aluno enquanto cidadão, sendo assim, o magistério é uma profissão necessária para o progresso social. Posto isso, a presente pesquisa teve como objetivo entender o sentido do trabalho docente a partir da perspectiva de professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo. Para isso, fez-se necessário traçar o perfil dos educadores, identificar os motivos que os levaram a seguir a carreira docente, levantar as fontes de prazer e sofrimento para esses profissionais e conhecer o nível de satisfação com relação ao trabalho.

Ao traçar o perfil dos professores, verificou-se que há predominância da presença feminina nas atividades da unidade escolar pesquisada. Tal resultado corrobora uma tendência histórica de uma participação mais feminina do que masculina no ensino primário, tendo em vista que as mulheres são associadas às atividades que requerem cuidado e proteção e estão ligadas a maternidade, como é o caso da educação primária. Foi observado também que a maioria dos docentes da instituição tem idade entre 36 e 45 anos e é casada, pressupondo, assim, que, além da docência, esses professores possuem demandas familiares para administrar. Além disso, constatou-se que a maior parte dos professores pesquisados já possui pós-graduação e possui ganho salarial entre R\$ 1.045,01 e R\$ 2.090,00.

Com relação aos motivos que levaram esses profissionais a seguirem a carreira docente, percebeu-se que a maioria apontou a vocação como maior motivação, porém, durante a entrevista, foi notado que esses profissionais optaram pela carreira docente, também, devido as poucas possibilidades de empregos no município, que é de pequeno porte. Verificou-se também que boa parte dos professores pesquisados possui uma vasta experiência e conhecimento no ramo da educação, já que desempenham as atividades docentes há mais de 21 anos e trabalham na referida unidade escolar há mais de 21 anos.

A carga horária predominante dos docentes na instituição é de 20 horas. Cabe ressaltar que muitos desses professores ainda exercem outras funções além da docência. Esse resultado contribuiu para a ideia de que, devido os baixos salários, esses docentes procuraram outras formas de aumentar a renda e, por isso, possuem excesso de carga horária de trabalho. Com relação a quantidade de instituições de ensino que esses profissionais atuam, os resultados apontam que 48,6% trabalham em apenas uma instituição de ensino.

Sobre as fontes de prazer relacionadas ao trabalho, os professores responderam que o orgulho pelo que faz, o ambiente de trabalho em que atuam e a realização profissional são itens que dão maior sensação de contentamento. Até mesmo foi observado a existência de um relacionamento afetuoso e de admiração entre os profissionais da instituição. Percebeu-se, também, de acordo com as entrevistas realizadas, que os professores se sentem muito felizes quando são reconhecidos pelo que fazem e quando os alunos compreendem os ensinamentos oferecidos em sala de aula, ou seja, quando o resultado do trabalho e esforço são positivos. Portanto, evidenciou-se que esses educadores se sentem honrados quando são elogiados ou quando percebem que suas atividades são respeitadas por todos que os rodeiam.

No que diz respeito as fontes de sofrimento no trabalho, os docentes consideraram os baixos salários e a desvalorização elementos mais sofríveis. Eles acentuam que a falta de reconhecimento pelo trabalho prestado, inclusive por parte do poder

público, os desanima. Além disso, os professores entrevistados se queixaram da indisciplina dos alunos e da sobrecarga de trabalho que ocasionam e acentuam a sensação de estresse e cansaço. Nesse sentido, verificou-se que existe um sentimento de desgosto e uma percepção de esforço não reconhecido, acarretados, principalmente, pelo baixo salário e pelo desinteresse dos alunos e do poder público com relação a profissão de educador.

Cabe destacar que a maior parte dos professores da instituição pesquisada não costuma apresentar atestados e nem se ausentar por mais de 15 dias por motivos de saúde. Observou-se, além disso, que eles acreditam que as condições de trabalho interferem na saúde pessoal e nos resultados do ensino dado em sala de aula.

Quanto a satisfação no trabalho, os docentes explicam que esse sentimento é predominante, quando conseguem atingir os objetivos. Nesse sentido, o alcance dos objetivos acarreta na sensação de orgulho e bem-estar pelo trabalho desenvolvido. Sendo assim, notou-se que os professores da instituição escolar pesquisada estão satisfeitos com o trabalho desempenhados.

Desse modo, o sentido do trabalho para os professores da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo é percebido de maneira variada. Por um lado, eles entendem que é uma profissão de fundamental importância para a nação e que podem transformar a sociedade, por isso, sentem-se agraciados quando notam o crescimento e o interesse discente em aprender, experimentando, assim a sensação de prazer no trabalho. Em contrapartida, a desvalorização juntamente com a sobrecarga de trabalho e baixo salário fazem com que esses profissionais vivenciem sensações de sofrimentos, tristeza e indiferença ao trabalho. Essa junção de sentimentos afeta, especialmente, a saúde psíquica e física do profissional prejudicando, muitas vezes, os resultados das atividades docentes. Ainda assim, a satisfação prevalece na realização do labor.

Houve algumas limitações durante os desdobramentos da pesquisa que previa entrevistas presenciais com alguns professores, no entanto, devido a Pandemia da Covid-19 não foi possível realizar a entrevista presencial, de modo que foi realizada por meio eletrônico. Espera-se que a presente pesquisa possa colaborar com futuros estudos relacionados ao tema. Como a atual pesquisa foi realizada com professores de uma instituição escolar pública, sugere-se a realização de uma pesquisa com professores da rede privada de ensino do município ou até mesmo de outros municípios para fins comparativos e compreensão do fenômeno.

## Referências

- Alvim, M. B. (2006). A relação do homem com o trabalho na contemporaneidade: uma visão crítica fundamentada na Gestalt-Terapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(2), 122-130.
- Andrade, S. P. C., Tolfo, S. R., & Dellagnelo, E. H. L. (2012). Sentidos do Trabalho e Racionalidades Instrumental e Substantiva: Interfaces entre a Administração e a Psicologia. *Revista de Administração Contemporânea*, 16(2), 200-216. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552012000200003>
- Antunes, R. & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação & Sociedade*, 25(87), 335-351. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>

- Balieiro, S. S., & Borges, L. C. (2015, agosto). *Satisfação no Trabalho. Anais do Congresso Nacional de Excelência em Gestão*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 11.
- Bardini, C. & Tolfo, S. R. (2018). O sentido do trabalho para empregados de uma empresa do setor elétrico sediada em Santa Catarina. *Revista Especialize*, 15 (1), 1-29. Recuperado de <https://ipog.edu.br/wp-content/uploads/2020/11/crislaine-bardini-101761313.pdf>
- Barros, P. C. R. & Mendes, A. M. B. (2003). Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. *Psico-USF*, 8(1), 63-70. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000100009>
- Bianchi, E. M. P. G. (2013). *Sentido do Trabalho: uma demanda dos profissionais e um desafio para as organizações* Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-03062013-143334/publico/ElianeMariaPiresGiavinaBianchiVC.pdf>.
- Castro, P. M. & Cançado, V. L. (2009). Prazer E Sofrimento No Trabalho: A Vivência De Profissionais De Recursos Humanos. *Revista Gestão e Planejamento*, 10(1), 19-37.
- Cavalheiro, G. (2010). *Sentidos atribuídos ao trabalho por profissionais afastados do ambiente laboral em decorrência de depressão*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Costa, F. M., Vieira, M. A., & Sena, R. R. (2009). Absenteísmo relacionado a doenças entre membros da equipe de enfermagem de um hospital escola. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(1), 38-44. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000100006>
- Dejours, J. C. (2004). Entre sofrimento e reapropriação: o sentido do trabalho. In S. Lancman & L. I., Sznalwar (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (Cap.15, pp. 303-316). Rio de Janeiro: Fiocruz
- Fontoura, D. S. (2010). *Mercado de trabalho no setor público: um olhar sobre uma unidade da Secretária da Receita Federal do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Disponível: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18614>
- Giaponesi, M. L. (2008). *O processo de rotinização do trabalho docente*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP, Brasil.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed). São Paulo: Editora Atlas.
- Godinho, L. F. R. (2018). *Sentidos do trabalho docente*. Bahia; UFRB. Recuperado de <https://www1.ufrb.edu.br/editora/component/phocadownload/category/2-e-books?download=131:sentidos-do-trabalho-docente>
- Gonçalves, A. M., Silveira, A. P., & Kimura, P. R. O. (2015, outubro). O Trabalho Docente: Os Objetivos E O Papel Nas Representações Sociais Dos

- Professores. *Anais do Congresso Nacional de Educação*, Curitiba, PR, Brasil, 12.
- Hegemeyer, R. C. C. (2004). Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança. *Educar em Revista*, (24), 67-85. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.350>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021). *População*. IBGE Cidades. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/belo-campo/panorama>
- Kuenzer, A. Z. & Grabowski, G. (2006). Educação Profissional: desafios para a construção de um projeto para os que vivem do trabalho. *Perspectiva, Florianópolis*, 24(1), 297-318. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Lima, D. S., Garcia, F. C., & Tomaz, C. M. (2015, outubro). Prazer e Sofrimento no Trabalho: estudo sobre os motoristas de uma empresa de ônibus da cidade de Belo Horizonte. *Anais do Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 13.
- Lourenço, C. D. S., Ferreira, P. A., & Brito, M. J. (2013). O significado do trabalho para uma executiva: a dicotomia prazer e sofrimento. *Organizações em contexto*, 9(17), 247-279. <https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v9n17p247-279>
- Marqueze, E. C. & Moreno, C. R. C. (2005). Satisfação no trabalho – uma breve revisão. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 30(112), 69-79. <https://doi.org/10.1590/S0303-76572005000200007>
- Marx, K. (2013). *O capital*. (4ª ed., R. Enderle, Trad.) São Paulo: Boitempo Editorial. (Obra original publicada em 1867). Recuperado de [http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf/at\\_download/file](http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf/at_download/file)
- Mateus, F. J. A. & Honório, L. C. (2018). Psicodinâmica do Trabalho no Ensino Fundamental Público e Privado: Comparando a Docência em Escolas do Interior de Minas Gerais. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração*, Curitiba, PR, Brasil, 42.
- Miranda S. M., Pires, M. M. S., Nassar, S. M., & Silva, C. R. J. (2008). Construção de uma escala para avaliar atitudes de estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 33, 104-110. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000500011>
- Oliveira, E. M. (2004). Transformações no mundo do trabalho, da revolução industrial aos nossos dias. *Caminhos de Geografia* 6(11), 84-96.
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.) Novo Hamburgo: Feevale. Recuperado de [https://drive.google.com/file/d/1lp5R-RyTrt6X8UPoq2jJ8gO3UEfM\\_JJd/view](https://drive.google.com/file/d/1lp5R-RyTrt6X8UPoq2jJ8gO3UEfM_JJd/view)



- Rocha, P. E. C. (2009). A relação entre os sentidos do trabalho na história e seus reflexos na educação. *Anais do Congresso Nacional de História*, Goiás, GO, Brasil, 2. Recuperado de [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20\(49\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20(49).pdf)
- Rovida, M. F. (2016). Trabalho e identidade social – implicações nas pesquisas em comunicação. *Revista Altejour*, 13(1), 183-200.
- Santos, M. N., & Marques, A. C. (2013). Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(3), 837-846. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000300029>
- Silva, M. P. & Simões, J. M. (2015). O estudo do sentido do trabalho: contribuições e desafios para as organizações contemporâneas. *Revista Capital Científico*, 13(3).
- Sousa, C. V., Bueno, N. X., & Silva, A. L. (2016). Prazer E Sofrimento No Trabalho Docente Em Uma Escola Pública. *Revista Diálogo Interdisciplinares*, 5(2), 102-127.
- Therrien, J. & Loiola, F. A. (2001). Experiência E Competência No Ensino: Pistas De Reflexões Sobre A Natureza Do Saber-Ensinar Na Perspectiva Da Ergonomia Do Trabalho Docente. *Educação & Sociedade* 22(74), 143-160. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302001000100009>
- Woleck, A. (2002). O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. *Revista de Divulgação Técnico-científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação*, (1), 33-39.